



PUC-SP

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA**

**COMPORTAMENTOS VIOLENTOS POR PARTE DAS TORCIDAS NOS
AMBIENTES DE FUTEBOL: UMA LEITURA PSICANALÍTICA**

Vinícius Righi Afonso

Orientação: Prof. Marcelo Camargo Batistuzzo

São Paulo

2023

RESUMO

Não é incomum ouvir sobre confrontos entre torcidas e jogadores de futebol dentro e fora de campo, o contexto do esporte traz consigo um histórico de violência e agressividade desproporcionais, chegando a atingir níveis tão sérios que o combate entre torcidas passou a ser uma questão de segurança pública. O presente trabalho busca compreender, a partir de uma pesquisa teórica, como surgem tais comportamentos violentos pelas torcidas em ambientes de futebol com enfoque nas torcidas organizadas, a partir de um levantamento bibliográfico que teve por referências trabalhos que abordam a violência no futebol a partir de um viés psicanalítico, utilizando-se da abordagem, suas produções, seus conceitos e filosofias para analisar o fenômeno da violência no contexto do futebol. Foram levantadas hipóteses pautadas nos conceitos de sublimação, cuja primeira menção foi feita na carta dirigida a Fliess, e sadismo, proposto por Sigmund Freud em *Pulsões e destinos da pulsão* (1915) relacionando-os paralelamente com a questão de grupo e identificação presente no contexto das torcidas organizadas dos clubes de futebol brasileiros. A hipótese na qual a sublimação seria o principal processo psíquico responsável pela violência dos torcedores mostrou-se pouco provável, enquanto o sadismo se apresenta como uma alternativa muito mais coesa e, conseqüentemente, provável para explicar o comportamento.

Palavras-chave: futebol, torcidas organizadas, violência, psicanálise.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	4
2. OBJETIVOS	7
3. MÉTODO	8
4. CAPÍTULOS TEÓRICOS	10
4.1 VIOLÊNCIA E FUTEBOL	10
4.2 PSICANÁLISE E VIOLÊNCIA	22
4.3 A RELAÇÃO ENTRE VIOLÊNCIA, FUTEBOL E PSICANÁLISE	29
5. CONCLUSÃO	36
6. REFERÊNCIAS	40

1. INTRODUÇÃO

O futebol chegou ao Brasil em 1894, quando Charles Miller trouxe da Inglaterra um livro de regras do futebol, duas bolas, uma bomba de ar para enchê-las, um par de chuteiras e duas camisas de times que defendera, organizou os primeiros jogos que envolviam sócios do São Paulo Athletic Club, clube situado no bairro da Consolação, em São Paulo (SANTOS, 2011). Miller, chamado no Brasil como “o pai do futebol”, foi o responsável pelo início do esporte como competição no país em campos esportivos. Com o decorrer do tempo, os brasileiros se habituaram e passaram a praticar cada vez mais o esporte, autores alegam que a sua popularização se deu de fato na década de 1920 (CASTRO; CADETE, 2019).

Atualmente, o futebol é o esporte mais cultuado e praticado em solo brasileiro, não à toa, o país é conhecido como o país do futebol, título que se consolidou na conquista do primeiro mundial brasileiro, em Estocolmo, contra a Suécia por 5 a 2, na copa de 1958 (CALDAS, 1986). O primeiro título mundial da história da seleção brasileira de futebol também foi agente direto para popularizar ainda mais o esporte em território nacional. A seleção, repleta de bons jogadores como Djalma Santos, Zagallo, Pepe, Garrincha e Pelé, passou a chamar atenção pelo bom futebol apresentado e angariar mais e mais torcedores. Tendo em vista que, no contexto social brasileiro, o futebol atingiu um enorme nível de popularidade, passando a permear culturalmente todas as camadas da sociedade, é comum que o indivíduo que habita este país escolha um time e torça por ele, escolha esta que pode ser enviesada pelo time cuja a família torce, o mais vitorioso, e mais raramente, até mesmo por questão estética. É comum, portanto, na sociedade brasileira, as pessoas terem o seu “time de coração”, mesmo quando as pessoas não acompanham o futebol, porém, em muitos casos, o ato de torcer é elevado a outro nível de intensidade, o que leva ao fanatismo. Este é um dos principais temas deste trabalho, utilizando-se da abordagem psicanalítica como ferramenta de interpretação. Suas produções e termos, serão usufruídas a fim de reconhecer como ocorre o fenômeno do fanatismo, sua relação com a cultura da violência no futebol e, a partir da análise, argumentar possíveis hipóteses que expliquem o fenômeno.

A partir da década de 1920, torcedores já lotavam estádios de futebol nas grandes cidades brasileiras, então surgiu a ideia de reunir grupos torcedores de um mesmo clube para que frequentassem o estádio e assistissem os jogos de futebol juntos dando início ao movimento das torcidas uniformizadas (CASSANTE, 2015), que posteriormente se transformaram nas conhecidas torcidas organizadas. Diferente das torcidas uniformizadas, as torcidas organizadas não se restringiam apenas a se reunir e torcer junto pelo time, mas criaram uma nova maneira de torcer, como é descrito na seguinte citação.

“[...] há uma nova maneira de torcer, não há mais aquela relação presa entre clubes e seus diretores, com regras próprias e estatuto, os grupos de pessoas criam as primeiras torcidas organizadas no Brasil” (CASSANTE, 2015, p.1).

Não se tem informação ao certo de quando foi criada a primeira torcida organizada, inclusive, assim como tudo no universo do futebol, esse assunto também se trata de motivo de disputa, algumas fontes dizem que foi a Charanga Rubro-Negra em 1942, outras a Torcida Organizada do Vasco (TOV) em 1944 ou até mesmo a Gaviões da Fiel, em 1969 (COSTA, 1995). Fato é que a popularização das torcidas organizadas ocorreu nas décadas de 60 e 70, em um momento de redefinição política e social, já que o país atravessava um momento conturbado em ambos aspectos devido ao regime ditatorial. O contexto político vigente fez com que as torcidas organizadas não se limitassem a somente torcer nas arquibancadas, mas também se organizassem como grupos políticos que defendiam direitos da população como liberdade de expressão, igualdade e democracia (TEIXEIRA, 2006).

O futebol já era um esporte consolidado e muito popular em território nacional, a conquista da copa de 1970 no México, o terceiro título mundial brasileiro, consolidou ainda mais o futebol como o esporte mais adorado do Brasil, tornando a prática um motivo de orgulho e paixão nacional. Cassante (2015) explica que a partir deste marco, o futebol passou a permear a sociedade independentemente de etnia, localidade ou classe social, conseqüentemente, as torcidas organizadas passaram a crescer em número de associados.

“[...] A partir daí, não existe classe social para cometer um ato violento, qualquer pessoa está sujeita a praticá-lo, até porque na ideologia de torcida organizada, as pessoas devem ser unidas e defenderem as cores,

bandeiras, faixas e acessórios da torcida a qualquer custo” (CASSANTE, 2015, p.3).

Junto com o crescimento e popularização das torcidas organizadas surge a competição entre as torcidas rivais. Qual faz a melhor festa? Qual apoia mais o time em campo? Qual tem mais associados? Até chegar em: “Qual bate mais?” Com o passar do tempo, a cultura da violência foi integrada cada vez mais ao universo das torcidas, a ponto de se tornar algo sabido, rotineiro. Um grande exemplo da normalização da violência entre torcidas é a criação da Mancha Verde, torcida organizada do Palmeiras, fundada por jovens integrantes da Torcida Uniformizada do Palmeiras (TUP) porque a organizada não tinha o “respeito” dos rivais, fazendo com que torcedores palmeirenses sofressem constante violência dos membros de organizadas de outros clubes. Segundo o podcast Sobre... a criação da Mancha Verde, portanto, teve o intuito de reunir torcedores que estivessem dispostos a utilizar de violência para se defender de torcidas rivais e recuperar o respeito pelas cores palmeirenses (SOBRE MENINOS E PORCOS, 2021).

Não é raro o surgimento de notícias que relatam violência por parte das torcidas fora e dentro dos estádios (TORTELLA, 2022). O aumento da frequência e gravidade dos casos de violência no decorrer dos anos fez com que autoridades de segurança pública ficassem em alerta quanto a medidas de prevenção de conflitos violentos no contexto do futebol. A violência em torcidas organizadas começou a aparecer por volta da década de 80 (CASSANTE, 2015) e a popularização da prática foi rápida, já que a partir da década de 90, a violência nos estádios e ambientes de futebol foi tomando proporções cada vez maiores. A primeira morte que se tem informação envolvendo membros de torcida ocorreu no dia 17 de outubro de 1988, com o assassinato de Cléo Sostenes, fundador e ex-presidente da Mancha Verde (VIOLÊNCIA, 2012).

Temos como exemplo da intensificação da violência cometida por torcidas organizadas o episódio que ficou conhecido como “Batalha do Pacaembu” ou “A Guerra do Pacaembu” (BRAGA, 2022). No dia 20 de agosto de 1995 ocorreu a final da Supercopa de Futebol Júnior, disputada por jogadores das categorias de base de até 20 anos de idade. A partida foi disputada pelas categorias de base de São Paulo e Palmeiras, rivais da cidade de São Paulo e, após o apito final, a equipe do Palmeiras se consagrou campeã do torneio. A torcida palmeirense comemorou o título e, naturalmente, provocou os torcedores do São Paulo que estavam no estádio. Os são

paulinos, já irritados com a derrota da equipe, responderam às provocações palmeirenses invadindo o gramado com pedras e paus, encontrados em uma área que passava por reformas, para atacar a torcida alviverde, o que culminou em um dos confrontos entre torcidas mais violentos da história do Brasil, deixando uma vítima fatal e 102 feridas. O corpo policial era reduzido na ocasião, por se tratar de um jogo de juniores (BRAGA, 2022). Tal episódio mobilizou o Ministério Público de São Paulo, sendo pedido na justiça o fechamento das organizadas segundo matéria da Folha de São Paulo de 23 de abril de 1996 (REIS, 2006) e alertou os responsáveis pela segurança pública sobre a necessidade urgente de intervenção em estádios.

Nota-se que desde o surgimento das torcidas uniformizadas até a concepção atual de torcidas organizadas, apesar de manter-se a essência - apoiar incondicionalmente o clube - foram desenvolvendo-se outras questões ligadas a poder e competição, questões estas que são resolvidas majoritariamente por uso da violência e daí surge o questionamento: Por que o ambiente de futebol desperta posturas agressivas e violentas em torcedores e membros de torcidas organizadas?

Para a melhor compreensão deste fenômeno, será utilizada a psicanálise e suas reflexões. A psicanálise é uma linha teórica desenvolvida por Sigmund Freud, cujo objetivo inicial era ajudar as pessoas por meio de psicoterapia e hipnose. Com o decorrer do tempo, Freud agregou mais produções e ideias à sua teoria original, gerando assim uma ciência que busca explicar o comportamento humano por meio de elementos inconscientes dos indivíduos e de grandes massas (1921). Tendo considerado que o tema do presente trabalho se trata de um fenômeno social e de massa, optou-se por utilizar da psicanálise, dado que sua filosofia sobre a mente e seus comportamentos podem orientar a compreensão, explicação e mudança dos comportamentos mencionados. Obtido o conhecimento sobre as origens desse comportamento, se torna mais eficaz uma tentativa de intervenção que busca solucionar tais problemas.

2. OBJETIVOS

Este trabalho tem por objetivo principal compreender e propor hipóteses, a partir de um referencial psicanalítico, sobre o porquê do ambiente de futebol de campo

profissional adquirir o papel de palco para o surgimento de atos violentos por parte das torcidas, com enfoque nas torcidas organizadas.

Por objetivos específicos, busca-se: 1. retomar e informar a história das torcidas organizadas no Brasil relacionando-as com o fenômeno da violência no futebol; 2. informar os dados sobre violência no futebol em território nacional; 3. atualizar a discussão sobre violência e futebol dentro da psicologia a partir de um referencial psicanalítico.

3. MÉTODO

O presente trabalho buscou interpretar e explicar o fenômeno da violência praticada pelas torcidas e torcidas organizadas no ambiente de futebol pautado em um referencial psicanalítico. No primeiro capítulo da obra *Pesquisas em Psicologia clínica: contextos e desafios*, os autores discorrem sobre o método psicanalítico. De acordo com Elisa Ulhoa Cintra e Alfredo Naffah Neto (2019, p. 22) falar em pesquisa em psicanálise é quase um pleonasma, já

“que o termo psicanálise já implica, por si só, o termo pesquisa. Dito de outra forma, quando praticamos psicanálise estamos sempre fazendo pesquisa; caso contrário, não estamos praticando psicanálise”.

De acordo com os autores, existem três formas principais de pesquisa psicanalítica, sendo uma delas a pesquisa-investigação, que se trata da modalidade de pesquisa teórico-metodológica, na qual são definidos uma questão e um planejamento de pesquisa com o objetivo de aprimorar e desenvolver a disciplina da psicanálise, contribuindo, também, para a pesquisa clínica. A retomada do leque de textos teóricos acerca de determinado assunto visa a “criação de um grande repertório simbólico, (...) tornando possível a investigação, a descoberta e o insight” (CINTRA e NETO 2019, p. 17).

Tendo em vista tais considerações, foi escolhida a modalidade de pesquisa teórico-metodológica. Mais especificamente, a presente pesquisa utiliza o método de levantamento bibliográfico de literatura. Tal modelo foi selecionado devido à amplitude alcançada ao se revisar diversas fontes, possibilitando a produção de uma investigação adequada acerca da temática. O levantamento bibliográfico será feito por

meio de pesquisas online em portais acadêmicos, como SciELO, LILACS e Google Acadêmico e serão selecionados materiais publicados nos últimos quinze anos utilizando-se, nos filtros de pesquisa, termos-chave como futebol e violência, violência e psicanálise, torcidas organizadas, correlacionando-os. Para o referencial psicanalítico, foram utilizados os seguintes materiais: “A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess” (1887-1904), “Pulsões e destinos da pulsão” (1915), “Psicologia de Grupo e Análise do Ego” (1921) e “Totem e Tabu” (1912-13) de Sigmund Freud e o “International Dictionary of Psychoanalysis” (2008).

4.CAPÍTULOS TEÓRICOS

4.1 VIOLÊNCIA E FUTEBOL

Apesar de todas as medidas públicas impostas pelo ministério público com o intuito de diminuir episódios violentos entre torcidas, como por exemplo a implementação de torcida única em clássicos paulistas no dia 4 de abril de 2016, ainda se ouvem notícias sobre violência associada ao contexto do futebol. A medida que impôs a torcida única foi adotada após uma briga entre as torcidas de Palmeiras e Corinthians que resultou na morte de uma pessoa e teve dezenas de membros de ambas organizadas detidos, como informa a Esporte News Mundo (2022). Segundo o portal R7 Esportes, em reportagem de março de 2022, o futebol brasileiro tem uma vítima de violência a cada quatro dias, do início de 2022 até a publicação da reportagem haviam sido contabilizados 15 casos, sejam estes devido a invasões de campo, ônibus atacados ou brigas entre torcidas. Uma delas ocorreu antes da disputa entre Atlético Mineiro e Cruzeiro, na qual houve pelo menos um torcedor cuja morte foi confirmada, por alvejamento, em Belo Horizonte, Minas Gerais.

A pesquisa realizada por Bandeira e Ramos (2020), cujo objetivo foi verificar a correlação entre fanatismo, agressividade - nas dimensões física, verbal, raiva e hostilidade - e dados sociodemográficos em torcedores homens do Sport Club Corinthians Paulista, clube detentor da maior torcida do estado de São Paulo e segunda maior do Brasil (CORINTHIANS, 2023), apontou que 83% dos torcedores consideram-se fanáticos do time enquanto 81% foram classificados com alto nível de fanatismo pela escala Escala de Fanatismo em Torcedores de Futebol (EFTF)¹ (WACHELKE, ANDRADE & NEVES, 2008) e 58% da amostra apresentou um alto nível de agressividade. Além disso, o mesmo estudo mostrou que, dentre os torcedores com alto nível de fanatismo, estão presentes maiores porcentagens de agressividade total, verbal, física, raiva e hostilidade.

Quanto ao perfil dos torcedores, homens têm maior identificação com o time favorito quando comparados com mulheres, e apenas nos homens foi identificado uma

¹ A EFTF é uma ferramenta psicométrica de identificação do torcedor de futebol com seu time, construída para discriminar níveis mais altos de identificação grupal com times de futebol, captando em maior detalhe o fanatismo.

correlação significativamente positiva entre torcida e traços de agressão física, verbal e hostilidade (WANN, SHELTON, SMITH & WALKER, 2002). Ainda levando em consideração os dados da pesquisa de Bandeira e Ramos (2020), pode-se extrair que torcedores mais jovens também tendem a apresentar mais agressividade em suas quatro dimensões e maior nível de fanatismo, assim como aqueles que apresentam menor nível de instrução e menor renda. Os solteiros, se comparados com os casados, apresentam maior nível de agressividade hostil, enquanto as outras três dimensões não apresentaram diferença significativa.

Apesar de ser o país do futebol e ser conhecido mundialmente por isso, o Brasil não é a única nação a sofrer com a violência associada a torcidas e ambientes de futebol. Países como Argentina, Portugal, Inglaterra, Itália, França, entre muitos outros também lidam com a mesma situação (GREGÓRIO & CELES, 2011).

Na Inglaterra, por exemplo, o costume de brigas entre torcidas de futebol, melhor conhecida por *hooliganismo*, é algo cultural, visto como algo paralelamente inerente ao esporte, porém, restrito apenas aos que escolhem participar. Em alguns casos, o combate entre as torcidas rivais é mais ansiado do que a própria partida de futebol entre os clubes, e o resultado da briga mais importante do que o placar final. O filme "*Hooligans*" (HOOLIGANS, 2005), por exemplo, conta a história de torcedores do *West Ham United*, um tradicional clube londrino de média expressão no futebol inglês, e a trajetória dos violentos confrontos extra-campo no decorrer da *FA Cup*, a Copa da Inglaterra. O jornalista Felipe Pereira comenta sobre como o filme retrata a prática *hooligan* como um "estilo de vida" e descreve a violência utilizada pelos torcedores.

"O cenário, baseado próximo à torcida do West Ham, em Londres e subúrbios, ajuda a demonstrar como é o lugar comum de muitos dos adeptos desse estilo de vida, baseado em agressividade, impulso, instinto de sobrevivência e nenhuma técnica de luta, exceto a briga de rua. Sem qualquer preparo prévio, o neófito Bruckner se vê em apuros muito rápido, sendo obrigado a se defender como pode, com o senso de urgência no máximo" (PEREIRA, 2016).

Apesar de apresentar um enredo com personagens e eventos fictícios, o filme retrata fidedignamente os interesses e combates dos hooligans. Além de relatar o desenvolvimento dos confrontos do *West Ham* na competição e, por consequência, os confrontos da torcida do clube, o roteiro também conta sobre a busca do

protagonista Matt Bruckner pela sua identidade em meio ao contexto de futebol e violência, inserindo na trama a irmandade e a sensação de pertencimento que se obtém ao tornar-se um *hooligan*, demonstradas por momentos de confraternização, aproximação e afinidade emocional (PEREIRA, 2016).

Em outros países europeus como na França e Itália, o torcedor análogo aos membros de organizadas ou aos *hooligans*, salvo algumas diferenças, são chamados de Ultras, estes são torcedores fanáticos que prezam pela tradição do futebol e do clube. Norteados por motivação política fascista, os ultras enxergam a modernização do futebol, provocada pelo televisionamento, novos patrocinadores e leis trabalhistas para jogadores estrangeiros (DYAL, 2018), como algo corrosivo à tradição do futebol e ao estilo de vida dos torcedores e protestam contra esse movimento de modernização por meio de violência (PINTO, 2021).

“[...] as rivalidades, o antagonismo e a agressividade são constitutivas de uma forma de vida que aprecia o sacrifício, a dor e o heroísmo.[...] Não por acaso tal resgate ideológico da ordem, da hierarquia, da disciplina e do *squadrisimo*² faz com que Dyal os aproxime aos grupos fascistas italianos da primeira metade do século passado” (PINTO, 2021).

Outra torcida organizada, ou barra, como é chamada na Argentina, de grande destaque por utilizar da violência é a *La Doce* - A Doze, em português - do Boca Juniors. Seu nome traz a ideia da torcida assumir o papel do décimo segundo jogador, aquele que incentiva e luta pela equipe tanto quanto os onze em campo. O “grupo de torcedores mais temido do mundo” se tornou tão poderoso e popular que ultrapassou as fronteiras do futebol, passando a se envolver com lavagem de dinheiro, criminosos e até políticos (SANTOS, 2012).

“[...] Para se ter ideia, Mauro Martín, o atual líder da barra, já participou de reuniões fechadas em plena Casa Rosada — sede do governo argentino” (SANTOS, 2012).

Esses exemplos demonstram que a violência que surge nos ambientes de futebol não é um problema encontrado somente em solo brasileiro, porém, como citado anteriormente, existem algumas diferenças das torcidas organizadas

² Grupos paramilitares que, no período fascista, agiam na intimidação ou repressão de adversários políticos.

brasileiras, para as barras argentinas, hooligans ingleses ou ultras franceses. Cada uma das organizações pauta seus interesses nos ideais que acreditam e, esses, diferem-se entre si porque são influenciados por inúmeras questões culturais, históricas e sociais do país. Cabe ressaltar que, dados exemplos de como funcionam as torcidas análogas às torcidas organizadas em outros países e a relação do funcionamento dessas com atos agressivos e/ou violentos praticados pelas mesmas, o presente trabalho busca discutir os aspectos sociais que permeiam a cultura do futebol e das torcidas organizadas brasileiras.

O professor e antropólogo José Paulo Fiorenzano cita a importância, por exemplo, de se analisar o contexto político e social que o Brasil passava quando ocorreu a “Batalha do Pacaembu”. Fiorenzano defende que o acontecimento não é um caso isolado e há um conjunto complexo de causas por trás: a batalha ocorreu num período de grande violência, onde aconteceram também as chacinas do Carandiru em São Paulo e de Vigário Geral e Candelária no Rio de Janeiro, entre outros episódios de extrema violência. Sendo assim, é fundamental e necessário analisar as condições nas quais o episódio surge para extrair o significado do mesmo (MANCHADOS DE VERDE, 2016).

A partir deste dado, cabe a este trabalho entender por que, no Brasil, além da óbvia popularidade do futebol, visto como um elemento que integra a cultura brasileira, outros fatores fizeram com que as torcidas organizadas tomassem as proporções que apresentam hoje.

O Brasil é um produto da miscigenação e integração de diferentes culturas, o vasto território, a variação de clima e vegetação nativa possibilitam que, mesmo compartilhando da mesma nacionalidade, existam culturas das mais diversas que integram a “cultura brasileira”. Além da questão geográfica, existe a questão populacional: historicamente, o território brasileiro abrigou variadas populações estrangeiras como portugueses, espanhóis, franceses, italianos e japoneses, além, é claro, de ser uma terra nativa indígena, e receber, lamentavelmente por causa do contexto escravocrata, uma quantidade enorme de pessoas de diversas regiões do continente africano (VAINFAS, 1999). Com base nas informações citadas, conclui-se que a nação brasileira é composta de fragmentos de diversas culturas particulares e individuais que, juntas, formam a singular e alegre cultura brasileira, conhecida pela miscigenação, samba, futebol e culinária (SOARES, 2003), além de muitos outros elementos, nitidamente.

Tratando-se, evidentemente, de um contexto capitalista, as torcidas organizadas precisam, assim como qualquer outra instituição, de capital para se manter funcionando e crescendo. Uma das alternativas encontradas pelos líderes das torcidas organizadas para suprir a necessidade do capital foi inserir-se em outro elemento característico brasileiro, abordado no parágrafo acima, que permeia a sociedade brasileira tanto quanto o futebol e tem características semelhantes quanto a essência, alegria e popularidade, o samba. Em São Paulo, por exemplo, as escolas de samba das torcidas organizadas disputam espaço com outras muito tradicionais, não ligadas ao futebol, no Grupo Especial, divisão de elite do carnaval: Mancha Verde, do Palmeiras, Dragões da Real e Independente Tricolor, do São Paulo e Gaviões da Fiel, do Corinthians, foram as escolas de samba de torcidas organizadas que disputaram o Grupo Especial do carnaval paulista no ano de 2023. O jornalista Matheus Rocha informou, em reportagem para a folha UOL, que a verba disponibilizada para as escolas de samba pela Lei Rouanet em 2023 foi de 32,4 milhões de reais (ROCHA, 2023). Entretanto, o carnaval não é a única fonte de renda das escolas de samba, as escolas captam dinheiro através de ações próprias durante o ano, como venda de produtos e realização de eventos, Renato Remondini, presidente da agremiação Dragões da Real, diz em entrevista:

"A escola se mantém através de diversos eventos que ela realiza. A Dragões é uma escola que não para. Todos os meses ela tem sua feijoada mensal, que é a maior do Brasil. Ela tem eventos socioculturais durante o ano todo. É uma escola que não vive só no momento do carnaval"
(BARBOSA, 2023).

Outra forma de captação financeira encontrada pelas torcidas organizadas é a venda de ingressos para as partidas do time. Com o crescimento de associados às torcidas organizadas, cresce também a influência que as mesmas têm, tanto sobre a própria torcida quanto, sobre o próprio clube: as torcidas organizadas e seus líderes passam a ocupar o posto de representante da torcida geral do clube e fazer a intermediação de comunicações entre clube e toda a torcida. A partir dessa dinâmica, tanto clubes como torcidas organizadas passaram a se relacionar mais e fechar parcerias que beneficiassem ambas partes, como por exemplo, de que se tem conhecimento sobre, o financiamento das agremiações carnavalesca das organizadas e a distribuição de ingressos: é comum que o clube ceda uma porcentagem dos

ingressos para que as organizadas vendam por um valor mais barato para seus associados, gerando assim uma média constante de público nos jogos de futebol do clube e renda para ambas as partes (APÓS, 2016).

Durante a realização desse trabalho, houve alguns clássicos na cidade paulista e é notável um maior engajamento em redes sociais e um aumento de publicações sobre futebol. O teor das publicações, que aparecem tanto nos dias que antecedem quanto nos que sucedem a data da partida, abordam, em suma, a exaltação da própria equipe ou provocação da equipe rival. Por exemplo, no dia 29 de abril de 2023, Palmeiras e Corinthians se enfrentavam em jogo válido pelo campeonato brasileiro. A boa fase do Palmeiras, recém campeão de títulos importantes como Campeonato Brasileiro, Libertadores da América e Copa do Brasil (ERA, 2023) fez com que a torcida alviverde esteja mais disposta a acompanhar o clube e, conseqüentemente, se identifique mais com os ideais propostos pelo mesmo e pelas torcidas organizadas deste. Sendo assim, foram incontáveis as postagens cujo conteúdo abordasse uma exaltação do Palmeiras ou provocações e cânticos contra a torcida alvinegra. Dentre esses, um vídeo que contém um canto da Mancha Verde, principal torcida organizada palmeirense, chama a atenção por exaltar explicitamente o abuso de substâncias e a satisfação em brigar:

“Sou um porco, muito louco,
E os gambá, fica puto,
Pra acabar com a Mancha Verde tem que matar todo mundo!
Eu não fumo, eu não cheiro
E nem gosto de brigar, mentira!
Oba, oba, futebol e porrada!
Oba, oba, só barrada nos gambá!”

Tal composição lembra outra semelhante relatada pelo jornalista Adriano Wilkson conjuntamente com Daniel Lisboa no podcast “Sobre Meninos e Porcos” (2021), essa porém, criada e cantada pela Gaviões da Fiel, torcida organizada do Corinthians, e também fala abertamente sobre a violência contra a torcida alviverde e as mortes que foram ocasionadas pela rivalidade:

“O Cléo morreu e o Munhoz também,
A Gaviões já matou mais de cem,
Matar você!
Um porco a mais não faz mal!”

Recentemente, apesar de ainda ter como principal objetivo motivar os atletas e prezar pela a exaltação e o embelezamento do espetáculo do futebol, as torcidas organizadas têm estado cada vez mais relacionadas a episódios de violência, tornando um espaço dedicado ao esporte, à família e à descontração em um cenário de tensão (CARNEIRO; SANTOS, 2008). Inegavelmente, como citado no exemplo acima, o momento pelo qual o clube passa dentro de campo reflete diretamente na forma que os torcedores e as organizadas se comportam nas arquibancadas: time que ganha gera confiança na torcida, time que perde, decepção. A própria fundação da Mancha Verde pode ser considerada como uma demonstração de quão grandes podem ser as consequências do reflexo do futebol praticado em campo nas torcidas.

Cleofas Sóstenes Dantas da Silva, ou Cleo, citado anteriormente na música da Gaviões da Fiel, foi presidente e um dos fundadores da Mancha Verde, porém também carrega um legado infeliz: foi o primeiro indivíduo a ser assassinado por ser membro de torcida organizada no que constam os registros. Em entrevista, Paulo Serdan, ex-presidente e também fundador da organizada, disse que Cleo é o maior ícone da torcida do Palmeiras (SOBRE MENINOS E PORCOS, 2021). Antes da fundação da Mancha Verde, o Palmeiras já tinha torcidas organizadas e uniformizadas como TUP, Inferno Verde, Paixão Verde, Alma Verde, Periquitos de Poá, entre outras, porém, apesar do número de facções que compunham a torcida, as organizadas rivais, Independente, do São Paulo Futebol Clube, Torcida Jovem, do Santos e Gaviões da Fiel, do Corinthians, ainda eram maiores. Por este motivo, também relacionando com os resultados dentro de campo, as torcidas rivais constantemente provocavam e importunavam torcedores palmeirenses, que obviamente se incomodavam. Alguns até evitavam sair uniformizados publicamente por medo de roubos e agressões de torcidas rivais (VILELA, 2016).

“A torcida do Palmeiras não tinha respeito, [...] Aquela época dos anos 70 ali, os caras abusavam demais” Paulo Serdan (MANCHADOS DE VERDE, 2016).

A Mancha Verde foi então criada com o principal objetivo de “restabelecer o respeito” pela torcida do Palmeiras. O antropólogo José Paulo Fiorenzano, em entrevista para o documentário “Manchados de Verde” (2016), interpreta a fundação da organizada como uma resposta à uma situação histórica de fragilidade da torcida do Palmeiras em relação às torcidas rivais, um “mecanismo de

autodefesa” dos palmeirenses. Entretanto, o principal meio pelo qual a Mancha Verde e seus integrantes buscavam restabelecer o respeito foi o uso da violência: a cada vez que a organizada saía “vitoriosa” de alguma briga, aumentava o número de membros, não à toa, até hoje a Mancha Verde é conhecida por, além de suas festas nas arquibancadas, é claro, deter o título de torcida organizada mais violenta do Brasil, auto intitulado-se “a mais temida” (VILELA, 2016 & SOBRE MENINOS E PORCOS, 2021).

A ligação das torcidas organizadas brasileiras com atos violentos nos ambientes de futebol resultam na impressão popular de que todas as torcidas organizadas tem por objetivo cometer crimes, tumultuar e ocasionar desordem. Parte da mídia brasileira, inclusive, reforça essa visão preconceituosa das torcidas. No documentário *Manchados de Verde* (VILELA, 2016), o jornalista esportivo Mauro Beting comenta que os veículos de notícia tanto reforçam a imagem criminosa das torcidas, como ao mesmo tempo incentivam os crimes, ao noticiar os episódios de violência ocasionados pelas organizadas:

“Quando a gente mostra o torcedor se esgoelando, quando a gente mostra pichação nos muros do CT (Centro de Treinamento) do clube, é exatamente o que os caras (torcedores) querem. [...] Tem que noticiar, claro, mas não mostra foto da pichação, [...] cena de briga no estádio, não mostra” (MANCHADOS DE VERDE, 2016).

A “espetacularização da violência”, como chamada pelo jornalista, gera engajamento, prestígio e, conseqüentemente, receita às emissoras, tornando assim a veiculação dessas notícias enviesadas sobre violência praticada por torcidas organizadas um negócio rentável e recorrente, uma estratégia para conquistar audiência. Gregório e Celes (2011) comentam sobre o termo “ganguê”, comumente utilizado como referência às organizadas, o termo agrega às torcidas o ideal criminoso, como citado anteriormente. Os autores, em contraponto, ressaltam que as organizadas não são gangues, o intuito das organizadas não é cometer crimes mas sim “o sangue do inimigo”, como definido pelos próprios torcedores. Os crimes são conseqüências do processo, mas não a finalidade. Por “querer o sangue do inimigo”, os autores denominam bater, afrontar e destruir de forma mais humilhante possível a torcida organizada rival e a recompensa recebida é a reputação agregada à torcida.

Apesar da aparente satisfação em brigar de maneira clandestina que os torcedores membros de torcidas organizadas alegam ter, as brigas entre eles são regidas por regras, uma espécie de código moral que “regulamenta” os confrontos. Por exemplo, a institucionalização dos confrontos: os “pistas”, como são chamados os torcedores dispostos a participar de confrontos, marcam de se encontrar com torcedores rivais com data, horário e local, o confronto só acaba quando a polícia chega ou um dos lados estiver nocauteado ou tiver desistido. Membro de organizada só é “autorizado a agredir” outro membro de organizada, é proibido bater em torcedores comuns e estritamente proibido bater em crianças e mulheres. É vetado o uso de armas de fogo, no caso de confronto entre organizadas, a violência deve ser praticada com as próprias mãos. Algumas ferramentas também são utilizadas como paus, pedras, vigas e rojões, o uso desses instrumentos para ferir o adversário é permitido por ainda proporcionar um combate corpo a corpo, que mede forças e, supostamente, é justo. Torcedores da Gaviões da Fiel relatam que levam os rojões no ônibus, já antecipando a possibilidade de um confronto, já as pedras e paus são recolhidos durante o caminho. “A gente é contra armas de fogo. A gente gosta é de bater, não de atirar”, diz um líder da Mancha Verde (GREGÓRIO & CELES, 2011).

Apesar da existência de tais códigos que buscam estabelecer limites nas organizadas, não se pode controlar por completo as ações de cada membro da torcida, ocasionando assim alguns acidentes envolvendo inocentes. Um caso que ilustra o envolvimento de inocentes, e também o uso de rojões como arma, como citado neste parágrafo, é o acidente no qual Kevin Espada, um jovem boliviano de 14 anos faleceu num acidente envolvendo um sinalizador deflagrado por um torcedor corintiano, durante a partida de 20 de fevereiro de 2013, disputada entre Corinthians e San Jose pela Libertadores da América (JÚNIOR, 2013). O caso é um de muitos outros que demonstram que até mesmo com o estabelecimento de limites quanto ao uso de armas e até mesmo proibir a agressão a grupos específicos não resolve o problema, visto que o emprego violência nestes casos é algo impulsivo e pode respingar em mulheres e, no exemplo citado, crianças, grupos que supostamente deveriam ser privados da violência das organizadas.

O jornalista Adriano Wilkson, responsável pelo podcast que conta a história da Mancha Verde, “Sobre Meninos e Porcos” (SOBRE MENINOS E PORCOS, 2021) descreve que na década de noventa existia um código de honra, ou conduta, a ser seguido nas brigas de torcida que permitia os torcedores fazer basicamente tudo

contra o adversário, menos matar. Os próprios torcedores da época diziam que o objetivo era bater nos oponentes e deixá-los vivos para que eles fossem encontrados e apanhassem novamente. Wilkson adiciona que o código de honra também estabelecia que não houvesse o que era conhecido como “judaria”, que seria um termo para descrever uma briga injusta, situação de covardia como por exemplo de muitos torcedores contra poucos, ou muitos contra um. Reginaldo Pereira, ex-vice presidente da Mancha Verde, diz que naqueles tempos era muito mais comum confrontos onde se utilizava somente de golpes e pedradas, e acrescenta: “Não tem graça, né? Você bate num cara e no dia seguinte ele tá morto, você não vai tirar um barato dele, né? [...] Uma coisa é sair na mão e outra é você deixar o cara estirado até a morte” (PELEJA, 2023).

Reginaldo Pereira também cita que brigar era uma prática comum da época, diz que sempre brincou de “sair na mão” com os amigos, brigava com pessoas do bairro e até quando serviu o quartel lutava com seus companheiros. Segundo o próprio ex-vice presidente da Mancha Verde, esse costume de brigar advinha das influências pregadas pela cultura popular da época:

“Na minha geração era Karate Kid, Van Damme, era briga de violência, sair na mão, e a molecada gostava disso” (PELEJA, 2023).

Se elementos da cultura popular, como filmes, no exemplo citado, já foram capazes de influenciar a geração das décadas de 80 e 90 a brigar, elementos que permeiam a sociedade de maneira mais profunda e, conseqüentemente, quase que elípticamente, de forma estrutural, também demonstram um grande poder de influência. Um exemplo de fator cultural que influencia diretamente a prática da violência, direta e indiretamente a violência praticada pelas torcidas, é o machismo. Como já comentado anteriormente, o objetivo das torcidas organizadas não era cometer crimes ou matar seus adversários, mas sim humilhá-los de maneira a elevar a reputação individual e da própria torcida a partir dessas brigas (GREGÓRIO & CELES, 2011). No discurso mencionado acima, é afirmado que não há graça em matar, já que, caso o seja feito, torna-se incapaz de se “tirar um barato” ou humilhar a mesma pessoa novamente. Essa prática demonstra uma busca pelo poder e a satisfação em sentir-se superior, além disso, a cultura prega que dentre as características esperadas de um homem, são importantes o poder, força, dominância,

liderança, conquista, coragem e semelhantes, sendo estes traços fortemente relacionados a homens que brigam, lutam, digladiam-se. Outro fator também ligado ao machismo é a constante afirmação da própria masculinidade e coragem, acompanhada também do questionamento da masculinidade da torcida alheia. Infelizmente, até os dias atuais, são comuns episódios nos quais uma torcida busca ofender a outra utilizando-se de cunhos homofóbicos (CASSUCCI & FERNANDEZ, 2023).

A cultura machista que permeia o futebol brasileiro desde seu início estabeleceu que futebol é “lugar de macho”, logo, afirma-se que se trata de um ambiente que cultua a homofobia. Historicamente, é comum que os torcedores, tanto membros de torcida organizada quanto não, utilizem de cunhos homofóbicos como forma de provocar e ofender os rivais. Por exemplo, no estado de São Paulo, as torcidas rivais ao São Paulo Futebol Clube, principalmente as torcidas de Corinthians, Palmeiras e Santos, investiram na provocação homofóbica que supõe que o São Paulo é um time cuja torcida seria gay. Algo tão generalizante e preconceituoso nem deveria ser levado em consideração pela torcida alvo das ofensas, afinal, as ofensas são descoladas da realidade, não existe clube no mundo que não tenha torcedores LGBTQIA+, assim como não existe clube cuja torcida seja 100% LGBTQIA+. Os torcedores do São Paulo, porém, se ofenderam com os rumores e apelidos de conteúdo homofóbico, o que popularizou ainda mais a prática da sátira entre torcedores de todos os clubes paulistas, sendo o torcedor são-paulino o maior alvo destes.

Recentemente, com um maior holofote para questões ligadas a direitos para minorias e pautas como racismo, homofobia e machismo, os clubes têm se informado e politizado seus torcedores sobre tais pautas que tem sido majoritariamente aceitas e normalizadas, porém, ainda é comum manifestações opostas aos discursos anti-preconceituosos. No dia 14 de maio de 2023, o São Paulo enfrentou o Corinthians no estádio alvinegro e a partida terminada em 1 a 1 não ficou marcada pelos lances e gol, mas sim pela paralisação da partida para que cessassem os cânticos homofóbicos contra o clube visitante, o São Paulo. Durante a paralisação da partida, os telões do estádio apresentavam a mensagem: “É proibido emitir cantos discriminatórios, racistas, homofóbicos ou xenófobos” (CASSUCCI & FERNANDEZ, 2023). Posteriormente, o Corinthians foi denunciado no Superior Tribunal de Justiça Desportiva pelo episódio e postou nas redes sociais do clube uma nota esclarecendo

que o clube repudia tais atos seguidos de posts sobre o orgulho LGBTQIA+: como citado anteriormente, existe uma grande porcentagem da torcida que aprovou a postura do clube diante dos acontecimentos, mas uma parcela considerável da torcida reagiu aversivamente dizendo que os posts falam muito sobre “mimimi”³ e pouco sobre futebol.

³ O "mimimi" é uma gíria, que ficou bastante popular na internet, usada para imitar ou descrever alguém que reclama demais. Ela serve também para satirizar e tirar sarro de reclamações ou brigas desnecessárias, servindo como argumento para as pessoas pararem de falar (LAPELOSO, 2020)

4.2 PSICANÁLISE E VIOLÊNCIA

Para tecer um entendimento em torno das concepções de violência e sua associação com a psicanálise, é imprescindível compreender algumas dinâmicas da psique humana. Freud propõe, que o aparelho psíquico é composto por três estruturas que interagem entre si: Id, Ego e Superego (1915). O Id é a instância insaciável, ineducável, indomável e inconsciente, responsável pela energia psíquica que supera o ego e o superego. Se trata da parte mais primária do aparelho psíquico, é regida pelo princípio do prazer, buscando satisfazer suas necessidades pulsionais. Em contrapartida, o Superego é a instância que observa, julga e proíbe severamente os estímulos pulsionais pautando-se na moral. Por fim, o ego é o meio pelo qual é possível obter a percepção do que vem de fora, surgiu do Id pelo contato com a realidade e é responsável pela síntese, organização e controle sobre o princípio do prazer, substituindo-o pelo princípio da realidade, sendo constantemente sujeitado por Id, Superego e Realidade. Cabe informar que o princípio do prazer é a dinâmica de busca do sujeito, de maneira inconsciente, pelo prazer a partir da realização dos desejos psíquicos. O princípio da realidade é a dinâmica psíquica que busca a adaptação e o equilíbrio entre os desejos psíquicos e a censura da moral, gerando conflitos internos (FREUD, 1915).

Desse modo, a teoria psicanalítica entende que o ser humano é movido por energias psíquicas inconscientes, ou seja, originadas no Id, que o orientam à satisfação sexual, também conhecidas por pulsões, que podem ser definidas em outras palavras por instintos psíquicos originados no inconsciente com o intuito de trazer prazer ao indivíduo.

“Todo o fluxo de nossa vida mental e tudo o que encontra expressão em nossos pensamentos são derivados e representativos das múltiplas pulsões que são inatos em nossa constituição física.” (FREUD, 1932 apud ACCESSIBLE, 2008).

As pulsões são separadas em dois grupos: as pulsões de vida e as pulsões de morte. As pulsões de vida têm o objetivo de autopreservação e contemplar o princípio do prazer, ou seja, são instintos inconscientes cuja função é contemplar o prazer por meio do autocuidado e atos benéficos, enquanto as pulsões de morte apresentam função contrária, gerando uma intenção de satisfação em destruir, agredir e eliminar

a estimulação do organismo (FREUD, 1915). A manifestação de agressividade é inerente à constituição humana e, por isso, está sempre presente na vida do homem.

“Para ele (Freud), as pulsões estão inicialmente dirigidas ao interior, voltando-se em seguida para o exterior e assumindo o caráter da agressividade e da destruição” (CASTRO, 2014).

Como citado anteriormente, o presente trabalho busca interpretar os fenômenos da violência no contexto do futebol por meio de conceitos, termos e filosofia psicanalíticos. “Psicologia das Massas e Análise do Eu” (1921) é um marco importante para a teoria psicanalítica por abordar os desdobramentos dos conceitos da abordagem, anteriormente inclinados a focar nos aspectos individuais da psique humana, sobre grupos e as dinâmicas que compõem os mesmos. Na obra, Freud afirma que cada indivíduo participa de muitos grupos simultaneamente, como por exemplo o grupo de nacionalidade, etnia, classe social, grupo religioso, sendo esses grupos nomeados de “grupos duradouros” e, dentro destes, cada indivíduo participante consegue manter características independentes, originais ou até mesmo que divergem do grupo.

Porém, em detrimento aos grupos duradouros, constantemente surgem grupos que Freud (1921) nomeou como “grupos barulhentos e efêmeros” e estes se sobrepõem aos duradouros. O principal aspecto dos grupos barulhentos e efêmeros é que as características individuais de cada participante desaparecem temporariamente em meio ao grupo e seu interesse. É comum, segundo Le Bon (1895), que na massa ocorra o apagamento da personalidade individual consciente, ou seja, das características de sua personalidade, diminuição do raciocínio inteligente e aumento da afetividade, caracterizada pelas sensações e motivações de amor e ódio:

“O indivíduo em massa adquire, pelo único fato do número, um sentimento de poder invencível que lhe permite ceder a instintos que, sozinho, ele teria forçosamente refreado. Quanto mais a massa for anônima e, por consequência, irresponsável, menos o indivíduo será levado a refrear os instintos, já que o sentimento da responsabilidade, que sempre retêm os indivíduos, desaparece inteiramente” (LE BON, 1895).

Nota-se nesse tipo de grupo uma tendência dos indivíduos a demonstrarem comportamentos padronizados independente de suas individualidades e também a transformação imediata de ideias do grupo em atos concretos. Por exemplo: é comum na massa, a prática de violência contra um grupo que apresenta ideais diferentes, sendo que, caso não estivesse na massa, o sujeito ponderaria melhor e desenvolveria alguma força restritiva em relação aos seus atos antes de cometê-los, porém, quando em comunidade, a massa reforça os comportamentos de transformação da ideia em ato (VIEIRA, 2022).

Castro (2014) completa o raciocínio citando que a sensação de pertencimento à massa possibilita o surgimento da sensação de invencibilidade citada anteriormente, fazendo com que os indivíduos se comportem de maneira impulsiva e instintiva, primitiva. A autora adiciona que outra característica que possibilita o surgimento destes comportamentos irresponsáveis que emergem da massa é explicada pelo caráter anônimo que o indivíduo assume quando se identifica e pertence a um grupo. Freud define a identificação como um processo inconsciente descrito como “a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a uma outra pessoa” (FREUD, 1921).

O *International Dictionary of Psychoanalysis* (2008)⁴ define a identificação como “um processo mental inconsciente por meio do qual o indivíduo adapta parte de sua personalidade baseado na personalidade de outro, que serve como modelo. Descrita anteriormente por Freud num contexto de Psicopatologia, o mecanismo de identificação passou a ser referido como o principal modo de se relacionar com outros e foi integrado aos processos que constituem a psique. Identificação deve ser diferenciada de imitação, que é um ato voluntário e consciente” (p. 787). A personalidade, nesse contexto, é a maneira individual que o sujeito apresenta para se relacionar com os outros, enxergar as dinâmicas na qual está inserido e se comporta num geral.

A psicanálise freudiana não interpreta a agressividade humana como a observada no mundo animal. A agressividade animal é expressada na luta pela conservação da espécie, seguindo assim uma lógica evolucionista darwinista de propagação dos genes que fortalecem a espécie e contribuem para que a mesma siga

⁴ O *International Dictionary of Psychoanalysis* (2008) é um dicionário de termos psicanalíticos elaborado na língua inglesa. Os trechos recortados foram traduzidos de forma livre pelo autor deste trabalho.

propagando-se pelas gerações (FERRARI, 2006). A agressividade observada no mundo animal se aproxima da noção de instinto, enquanto no caso da agressividade humana há intenção. Em “Totem e Tabu” (1912-13), texto no qual Sigmund Freud busca analisar símbolos, proibições e suas influências sobre a sociedade, é possível compreender que existem elementos sociais e da própria psique humana que influenciam tal agressividade, como a ordem social, leis, proibição, hostilidade e ética. Na produção, resumidamente, o autor recorre a um mito que contempla uma sociedade primitiva cujos homens amam o líder da horda, que simboliza a imagem paterna, mas invejam todo o poder que o mesmo desempenha. Ocorre então o parricídio, assassinato do pai, do líder da orda, que gera a culpa por tê-lo feito, mas a ganância de ocupar seu posto.

Contemporaneamente, os termos agressividade e violência são comumente confundidos e, em alguns casos, vistos como sinônimos. Autores da Psicanálise enxergam agressividade e violência como coisas distintas, apesar de semelhantes. Como dito anteriormente, Freud (1915) conceitua a agressividade como algo constituinte do homem, ou seja, um elemento da natureza humana, porém a violência se trata de um fenômeno derivado da agressividade.

“O fato de (a agressividade) ser constitutiva não significa, porém, a validade ou legitimidade de todos os seus movimentos. Este é um dos pontos essenciais em uma diferenciação nem sempre evidente. Enquanto a agressividade institui o outro em um lugar de autoridade e investido de um certo valor, a violência promove a desqualificação deste valor, anulando este outro. Os vários textos de Freud sobre o narcisismo e os processos de identificação corroboraram este pensamento. No eixo da relação entre o sujeito e o outro, ao aumento do narcisismo parece corresponder à exacerbação da violência.” (VILHENA, 2002, p.18).

Enquanto a violência é a atuação da pulsão sexual de agressividade, a agressividade não precisa necessariamente ser executada por meio de um ato: existem mecanismos e fenômenos psíquicos que têm por função canalizar as pulsões sexuais não contempladas conscientemente como por exemplo o recurso da mediação simbólica, o recalque ou a sublimação (FERRARI, 2006).

O *International Dictionary of Psychoanalysis* (2008) define a sublimação como: “um processo que desvia o fluxo de energia instintiva de seu objetivo sexual imediato e o subordina a esforços culturais. [...] O conceito evoluiu na obra de Freud da ideia

do enobrecimento ou embelezamento de uma fantasia para a de um processo intra-instintivo genuíno, a transformação da libido objetal em libido do ego antes que ela pudesse assumir uma nova forma” (p. 1678). Tratando-se especificamente dos efeitos da sublimação sobre pulsões agressivas, o dicionário propõe que: “agressividade sublimada pode se manifestar por meio de atividade criativa e inovadora” (p. 1979). Neste sentido, absorve-se que a sublimação é um processo no qual a pulsão sexual não elaborada conscientemente retorna ao ego onde é moldada e redirecionada, desta vez a um outro objeto, diferente da finalidade primária, porém ainda carregando consigo sua origem pulsional sexual. Freud (1914) completa:

“A sublimação é um processo que diz respeito à libido objetal e consiste no fato de a pulsão sexual se dirigir no sentido de uma finalidade diferente e afastada da finalidade da satisfação sexual” (p. 101).

Existem diversos tipos e aplicações de violência contemporaneamente, portanto, é importante ressaltar que este trabalho busca compreender, analisar e explicar os fenômenos a partir de uma concepção de violência na sua dimensão diretamente atuante, onde o objetivo é ferir o outro, física ou psicologicamente, por meio de brigas, agressões, xingamentos, desprezos, etc. Um conceito desenvolvido por Freud que se aproxima dessa concepção de violência é “crueldade”.

A crueldade, para Freud, é a atuação direta da agressividade contra outro ou contra si mesmo, como pode ser observada no sadomasoquismo (FREUD, 1915). Freud diz que a crueldade é baseada no egoísmo, sendo assim, ela não assume consideração pelo outro. A crueldade favorece a passagem ao ato, já que esta é originada nas fases infantis do desenvolvimento psíquico do indivíduo, momento este que ainda não ocorreu o processo elaborador da compaixão pelo outro. Por este motivo, Freud enxerga a adolescência como um período de grande valor na construção do ego, é nesta fase que se desenvolve a humanização dos adultos, porém, ainda sim, existem situações nas quais é possível perceber uma propensão à crueldade na fase adulta, principalmente no adulto masculino, explicado pelos fracassos da compaixão social e da inibição da crueldade. Esses aspectos fazem com que o sujeito desenvolva uma tendência ao castigo e a praticar atos destrutivos para outro, como forma de obtenção de prazer. Na psicanálise, é chamado sadomasoquismo, a relação entre o sadismo, que seria a obtenção de prazer com a humilhação e sofrimento de *outrem*, e o masoquismo, que seria o processo contrário,

quando se obtém prazer pela própria humilhação ou sofrimento (FERRARI, 2006). Cabe ressaltar que o presente trabalho identifica somente a posição sádica como influenciadora do comportamento abordado, visto que a posição masoquista demonstra passividade, algo não demonstrado pelos torcedores nos episódios de violência no ambiente de futebol.

“O sadismo consiste em violência, em exercício de poder contra outra pessoa tomada como objeto. No masoquismo esse objeto é deixado de lado e substituído agora pela própria pessoa. O redirecionamento contra a própria pessoa transforma, ao mesmo tempo, a meta pulsional ativa em passiva” (FREUD, 1915).

Laplanche e Pontalis, em *Vocabulário da Psicanálise* (2004), definem o sadismo como “perversão sexual em que a satisfação está ligada ao sofrimento ou à humilhação infligida a outrem. A psicanálise estende a noção de sadismo para além da perversão descrita pelos sexólogos, reconhecendo-lhe numerosas manifestações mais encobertas, particularmente infantis, e fazendo dele um dos componentes fundamentais da vida pulsional” (p. 465).

Adicionando mais uma concepção sobre o sadismo, o *International Dictionary of Psychoanalysis* (2008) o define como: “prazer obtido por infligir crueldade a alguma pessoa. [...] Em ‘Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade’ (1905) Sigmund Freud descreveu sadismo como a forma ativa em um par de opostos, sendo masoquismo a forma passiva da mesma perversão sexual. [...] Durante a fase genital⁵, o sadismo se vincula com a posição masculina, devido ao caráter ativo de ambos” (p. 1525). O sadismo, segundo a psicanálise, é visto como um processo no qual o indivíduo sente prazer em infligir ou presenciar sofrimento alheio, no contexto do futebol, pode-se apontar a satisfação de torcedores fanáticos e membros de organizada em brigar como um exemplo para o termo. O desdobramento deste processo será abordado de maneira mais profunda posteriormente.

Finalizado este capítulo, é esperado que haja clareza quanto às definições dos termos citados pelo seu decorrer. O foco do capítulo foi munir o leitor com uma básica explicação das dinâmicas psíquicas psicanalíticas e com alguns conceitos da literatura e suas definições para proporcionar um melhor entendimento do próximo capítulo, que

⁵ “Fase genital” é um termo utilizado por Freud para nomear a etapa do desenvolvimento psíquico na qual o indivíduo volta sua energia sexual ao seu órgão genital. Esta etapa ocorre do início da puberdade e se estende até a vida adulta (FERREIRA, 2014).

buscará relacionar os termos anteriormente citados ao fenômeno da violência nas torcidas de futebol.

4.3 A RELAÇÃO ENTRE VIOLÊNCIA, FUTEBOL E PSICANÁLISE

Este trabalho tem por principal objetivo utilizar da teoria psicanalítica para analisar, compreender e buscar explicar o porquê das torcidas, com enfoque em torcidas organizadas, encontrarem no ambiente do futebol, tanto dentro como fora dos estádios e das arquibancadas, uma motivação para se comportar de maneira agressiva e violenta. Neste sentido, busca-se, no presente capítulo, investigar e criar hipóteses sobre a relação entre violência nas torcidas de futebol e os conceitos da psicanálise. Serão analisadas influências psicológicas que podem estar presentes nesse contexto.

Retomando as discussões propostas anteriormente sobre a relação entre violência e psicanálise, é importante lembrar que Freud considera a agressividade algo inerente à composição da mente e, conseqüentemente, do comportamento humano. Porém, tal agressividade pode ser elaborada de formas diferentes e difere-se da crueldade, ou violência. Atos violentos, ou cruéis, como citado por Freud (1915), são pulsões agressivas direcionadas a um objeto, podendo este ser o outro ou si mesmo. Vilhena (2002) situa violência como um ato que desvaloriza a posição do outro. Partindo-se disto, será discutido o fenômeno da violência no futebol e sua relação com os conceitos de violência e psicanálise trabalhados no capítulo 4.2, utilizando-se de exemplos recentes para ilustrar melhor a discussão desta relação.

Antes de abordar os exemplos em si, cabe ressaltar algumas reflexões sobre a questão da identificação no contexto do futebol, já que esta é abordada por este trabalho como o principal processo psíquico no caso das torcidas. Tratando-se de um processo inconsciente, a identificação se demonstra em uma conexão profunda do sujeito com outro alguém, algo ou grupo. Nos casos analisados, há uma identificação do sujeito com a torcida e seus ideais. Ao analisar o perfil dos torcedores que consideram a si mesmos fanáticos, percebe-se que são, em maioria, homens, sendo que os jovens e solteiros são grupos que apresentam maiores níveis de agressividade (BANDEIRA; RAMOS, 2020). Tendo esses dados, é possível estabelecer uma relação entre identificação e quantidade de responsabilidade e maturidade do sujeito. A hipótese sugerida aqui é que, no caso de pessoas que têm menos responsabilidades, como jovens e solteiros, o lugar que seria ocupado pelas responsabilidades é preenchido por outras ocupações, no caso, o futebol. Mas por que especificamente o futebol?

Certamente não é um processo padronizado, onde todas as pessoas que não possuem ou possuem menos responsabilidades utilizarão do futebol como passatempo ou fonte de prazer e experiências. O indivíduo pode ocupar esse espaço com qualquer outra coisa como com trabalho, estudos, jogos, passatempos e etc. Porém, o futebol é uma das alternativas mais comuns, senão a mais comum, no contexto brasileiro. Isso se dá porque o futebol, no Brasil, passou a ser algo integrante à cultura, trata-se de um elemento que permeia toda a sociedade independente de questões étnicas e de classe. O futebol quebra essas barreiras por ser algo acessível a todos, além de ser motivo de orgulho para o brasileiro. Além de todos os aspectos sociais, o futebol traz consigo um espetáculo, uma beleza e a glamourização do torcer, torcer para um time. Fazer parte de uma torcida é algo sedutor, daí surge um facilitador para o processo de identificação do sujeito com um time, ou uma torcida.

Ocorrido o processo de identificação do sujeito com a torcida, aparecem os aspectos da mudança de comportamento quando se pertence a um grupo, uma massa. Pertencer a um grupo traz uma confortável sensação de companhia, tal conforto parte de uma identificação com o semelhante e faz com que seus integrantes pensem como grupo e deixem de lado suas individualidades críticas (VIEIRA, 2022). Quando entrevistados, sujeitos pertencentes a torcidas organizadas relatam paixão e amor pelo clube (BANDEIRA; RAMOS, 2020), sendo este o ideal que os une como grupo. A paixão é um sentimento amoroso, porém, pode ser revertida ao ódio em situações de angústia ou frustração, sendo assim, tal emoção é descontada na torcida rival por meio de atos violentos, como uma forma de canalizar o sentimento. Esse processo faz com que o ódio e todo tipo de agressão que parta desse sentimento também sejam forças de união e identificação na torcida (CARNEIRO; SANTOS, 2010).

Outro aspecto grupal que interfere diretamente nos comportamentos violentos de torcedores é a sensação de onipotência. Carneiro e Santos (2008) trazem o relato de um membro de torcida organizada que diz que, quando se está na torcida, há uma sensação de potência e invencibilidade. O grupo dá margem para que as pulsões do sujeito venham à tona, originando assim atos violentos e irresponsáveis, os quais não seriam cometidos caso o indivíduo não estivesse na massa. Castro (2014) aponta que o processo ocorre desta forma por conta do caráter anônimo que o torcedor assume na torcida. Desta forma, a vontade do grupo passa a ser a vontade do sujeito que, motivado por essa sensação de invencibilidade, comete os atos de

interesse grupal independente de medo ou opinião pessoal, faz-se o que o grupo espera que seja feito para continuar pertencendo e alcançar a sensação de empolgação, que agrada ao ego.

Um exemplo que ilustra o processo de sobreposição do interesse grupal ao individual, aliado à ideia de que o ambiente do futebol suscita comportamentos grupais nas torcidas, é o caso da invasão de campo por torcedores do Internacional após uma eliminação do clube para o Caxias do Sul, clube de menor expressão, no campeonato gaúcho de 2023. No dia 26 de março de 2023, cinco torcedores do Internacional invadiram o campo com o intuito de bater nos jogadores do clube rival após a eliminação no campeonato gaúcho. Dentre os torcedores destaca-se um que invadiu o campo com uma criança no colo e agrediu um jogador e um cinegrafista, ainda com a criança no colo (FOSTER; CLEMENTE, 2023). Posteriormente descobriu-se que se tratava da filha do torcedor, que alegou ter entrado em campo para proteger a filha por medo do que estava acontecendo na arquibancada. Porém, é possível identificar nas imagens que o intuito do torcedor foi unicamente agredir os jogadores do Caxias, já que poderia ter ido para outro local para supostamente proteger a filha e, assim que conseguiu invadir o campo, partiu diretamente em direção a onde acontecia a confusão entre jogadores para bater nos atletas e assim o fez, com sua filha no colo.

Analisando este caso, podemos extrair alguns temas abordados no capítulo, a questão da identificação e do comportamento instintivo. É importante ressaltar que o torcedor, no caso, não é um membro de torcida organizada, tratando-se de um torcedor fanático, mas não-membro de organizada. É comum ouvir, quando se fala de futebol, frases que supõem certa aversão a torcidas organizadas, muitas vezes pautadas na imagem criminosa associada às mesmas pelos meios de comunicação. Torcedores comuns alegam que não seriam de torcida organizada, porém, quando estão dentro do estádio, compartilhando o mesmo espaço, cantam as mesmas músicas e torcem da mesma forma: cantos de torcida como “Sou, da Gaviões eu sou...” ou “A Independente está aqui e nós viemos apoiar” não se restringem somente a membros das organizadas que o cantam, mas são cantados, intencionalmente, por todos torcedores. Este processo é um exemplo da identificação do torcedor não-fanático com o clube e com a torcida: em um ambiente de futebol, o indivíduo deixa de lado sua identidade pessoal e passa a interpretar o grupo, passa a ser o clube em si e sua torcida. Ligando esta reflexão ao caso do torcedor do Internacional, supõe-se que, mesmo não sendo membro de torcida organizada e aparentemente não ser uma

pessoa agressiva, já que não possui antecedentes criminais (FOSTER; CLEMENTE, 2023), por se identificar com o clube, com a torcida e por estar imerso na massa, agiu de forma instintiva e irracional. Tanto é que colocou em risco sua própria filha. Muito provavelmente, se não estivesse no meio da massa, o torcedor ponderaria seus atos e não invadiria o campo para agredir os jogadores, principalmente por estar carregando sua filha no colo.

No caso das torcidas organizadas, os mesmos fenômenos de identificação e comportamento de massa ocorrem, porém, supõe-se que os processos se deem de forma ainda mais intensa, já que o torcedor membro de organizada não limita a sua experiência relacionada à torcida somente ao quando frequenta o estádio ou assiste uma partida pela televisão, mas agrega a todas as partes de sua vida. Isso acontece porque as torcidas organizadas proporcionam ao sujeito um propósito de vida e dentro das organizações criam-se fortes laços entre torcedores. Por ser algo integralmente presente na vida do sujeito, as torcidas organizadas e seus ideais são vistos como prioridade e, como já citado, essas pautam seus ideais no clube que apoiam e em seus resultados, contudo não somente nesse aspecto, mas também no respeito que se impõe entre torcidas, à parte dos placares ou do nível técnico apresentado dentro de campo, disputado por meio de violentos combates entre as organizações. Embora as leis da nossa sociedade busquem interditar comportamentos violentos, dentro do grupo das torcidas organizadas só se tem respeito quando se é violento. Há uma hierarquia onde aqueles que mais se destacam são os que brigam, roubam e matam pela torcida. As leis das torcidas subvertem as leis socialmente instituídas (CARNEIRO; SANTOS, 2008).

A partir desse dado, é possível hipotetizar que o indivíduo que briga e rouba obtém mais respeito dentre seus companheiros de torcida, respeito este que é uma dívida altamente valorizada no cenário do futebol e, principalmente, das torcidas organizadas. O respeito, neste contexto, está ligado à questão do “ideal de homem” que carrega muitos traços machistas, como já citado no capítulo 4.1. Os atos violentos incentivados pelos líderes das torcidas organizadas e, conseqüentemente, realizados pelos seus membros, são associados à demonstração de coragem, poder, força e dominância, que destacam o sujeito no grupo e agregam à torcida respeito e medo por parte das rivais. O exemplo mais claro que temos dessa dinâmica é a criação da Mancha Verde, fundada com o intuito de restabelecer o respeito pela torcida do Palmeiras por meio da violência e orgulhosa de ser conhecida como “a mais temida”

ou “a torcida organizada mais violenta do Brasil” (SOBRE MENINOS E PORCOS, 2021).

Explicado o aspecto social interno à torcida que explica como os comportamentos individuais são motivados, partamos para os aspectos psíquicos individuais, buscando explicar os processos mentais que incitam os atos violentos e o porquê da satisfação obtida com estes atos.

A primeira hipótese desenvolvida foi que os comportamentos violentos, brigar, agredir, xingar, humilhar e todos atos que seguem este padrão, apresentam uma função terapêutica para o indivíduo, que desconta sua raiva no outro como forma de canalizar esta emoção. Uma forma pela qual isso poderia se dar é pelo processo psíquico da sublimação, porém, é pouco provável que a sublimação seja de fato o principal processo psíquico responsável pelos comportamentos violentos. A explicação para tal fato é que, baseando-se no referencial psicanalítico, o processo de sublimação se dá por meio de pulsões que, por não terem sido elaboradas conscientemente, são retornadas ao ego que “mascara” as pulsões encaminhando-as novamente ao consciente, porém investidas em um objeto diferente, com outra finalidade. Aplicando a teoria analogamente aos casos de violência entre torcidas surgem dois fatores que enfraquecem a hipótese da sublimação: 1. Se o ego muda o objeto de investimento da pulsão e sua finalidade, uma pulsão agressiva, ou cruel, não teria como finalidade e objeto aplicar violência à outra torcida organizada. 2. Na psicanálise, acredita-se que pulsões advindas da agressividade, quando sublimadas, transformam-se e se manifestam conscientemente por meio de atividade criativa e inovadora (ACCESSIBLE, 2008).

Baseado nos argumentos apresentados no parágrafo anterior, a hipótese da sublimação como o processo psíquico responsável por comportamentos violentos no contexto das brigas de torcida não se apresenta como a mais provável. Cabe também dizer que a hipótese não deve ser totalmente descartada, porém existe uma outra explicação que faz mais sentido na ótica psicanalítica, o sadismo.

Retomando brevemente o conceito, sadismo é o processo no qual o indivíduo obtém prazer por infligir crueldade a outra pessoa. O indivíduo, ao perceber que o sofrimento alheio lhe proporciona prazer, se coloca em posições nas quais ele presencia o sofrimento de uma pessoa ou proporciona, ele mesmo, o sofrimento. O sadismo foi, por muito tempo, associado socialmente à prática sexual, porém a psicanálise entende o processo para além deste campo, podendo reconhecê-lo em

comportamentos encobertos (LAPLANCHE; PONTALIS, 2004), como por exemplo, consumir conteúdos que apresentem violência. No contexto abordado por este trabalho, o sadismo ocorre na satisfação obtida pelo torcedor ao agredir um torcedor rival. Os discursos de torcedores membros de torcidas organizadas demonstram que o brigar em si e as “normas” estabelecidas que proíbem o uso de armas de fogo, incentivando os torcedores a se digladiarem, reforçam ainda mais a ideia de que agredir o outro é uma forma de obtenção de prazer, prazer este quase visceral, sexual se relacionado com a teoria psicanalítica, uma sensação de plenitude que agrada ao ego.

Quando perguntado sobre o uso de armas de fogo, o líder da Mancha Alvi-Verde diz que “é muito fácil atirar de 100, 200, 300 metros de um adversário e matar ele. Agora, trocar porrada com ele 5, 10 minutos é muito complicado. E é isso que a gente gosta”, outro torcedor diz que seu sonho é participar como um hooligan de brigas violentas (GREGÓRIO; CELES, 2011). No vídeo “*THIS IS WHY A DERBY DAY IN SÃO PAULO IS SO DANGEROUS*” (PELEJA, 2023) um membro da Mancha Verde diz que todos os torcedores já estão fartos de mortes por conflitos entre torcida e completa: “*vamo só sair na mão então*”. No mesmo vídeo há outro relato, já citado anteriormente, no qual o ex-vice presidente da organizada palmeirense defende que não há graça em matar um torcedor membro de organizada rival, não pela perda, mas sim porque se perde a chance de bater novamente nele e “tirar um barato”.

Gabriel Santoro, torcedor palmeirense, diz que o cenário brasileiro da violência entre torcidas organizadas se assemelha ao *hooliganismo* das décadas de 70 e 80: O futebol é visto pelos torcedores como uma “válvula de escape”, um motivo para fugir da realidade socioeconômica problemática e sentir-se parte de algo. O torcedor ainda completa que no caso do *hooliganismo*, a recém ocorrida revolução industrial e seus desdobramentos socioeconômicos aumentaram a desigualdade e, conseqüentemente, a violência. À época, os torcedores “só queriam chapar e sair na mão”, semelhante ao que ocorre em território brasileiro atualmente no contexto das organizadas, porém Gabriel completa que, no caso do Brasil atual, a situação é muito pior se comparada à Inglaterra da época (PELEJA, 2023).

Dado o cenário que foi construído pelas torcidas organizadas, é possível estabelecer que existe uma função nessas atividades que se aproximaria de um valor terapêutico. A normalização das brigas, do brigar e do apanhar como algo presente no cotidiano de um torcedor, e aceito por todas as partes, demonstra uma

conformidade e satisfação com a habituação dos confrontos. No dia 28 de setembro de 2022, circularam nas redes alguns vídeos de um confronto entre as torcidas organizadas Máfia Azul, do Cruzeiro (MG) e Mancha Verde, do Palmeiras (SP). Nos vídeos, torcedores da Máfia Azul filmavam membros da Mancha Verde caídos e ensanguentados e ostentavam a vitória no confronto (LATIF; WILKSON, 2022). Horas após a circulação dos vídeos, um novo vídeo de Paulo Serdan, ex-presidente da torcida organizada palmeirense, passou a ser compartilhado nas redes sociais. Nele, Serdan diz coisas como “É normal, faz parte da guerra”, “Tem dia que batemos e dia que apanhamos, hoje tomamos a invertida” e que “Ainda vai ficar do mesmo jeito” num sentido de que as brigas continuariam a ocorrer. O ex-presidente ainda exalta o heroísmo da mancha por não ter fugido e a dignidade dos torcedores da organizada mineira por respeitarem a norma de não espancar pessoas caídas (PAULO, 2022).

Os exemplos citados demonstram que há no contexto das torcidas organizadas brasileiras um estabelecimento das brigas entre rivais como um ambiente no qual a prática dos confrontos é regulamentada e, até mesmo, terapêutica. Algo que se assemelha com o que é proposto no filme “Clube da Luta” (CLUBE DA LUTA, 1999), um ambiente no qual as pessoas, majoritariamente homens, se associam para ter livre acesso à violência passiva e ativamente, como forma terapêutica de descontar a agressividade.

Admite-se então que os torcedores tenham pulsões sádicas, ou seja, um desejo primário inconsciente em proporcionar sofrimento a outro, que não são sanadas em outros âmbitos da vida do sujeito. As pulsões não são elaboradas porque o superego, baseado em aspectos culturais de normas e convivência, censura estas vontades. Porém, a atmosfera das torcidas organizadas criou um ambiente no qual comportamentos agressivos são não apenas aprovados, mas incentivados. Logo, o sujeito encontra nas torcidas uma alternativa para contemplar suas pulsões sádicas motivado pelo seu desejo inconsciente de infligir crueldade ao rival. Gregório e Celes (2011) citam que o objetivo dos torcedores não é matar e sim bater, o que reforça uma explicação por meio do sadismo para a violência nesse contexto.

5. CONCLUSÃO

Retomada a pergunta norteadora do trabalho, “Por que o ambiente de futebol desperta posturas agressivas e violentas em torcedores e membros de torcidas organizadas?”, é possível chegar a algumas conclusões baseado nos argumentos desenvolvidos ao decorrer dos capítulos teóricos.

Este trabalho buscou estabelecer uma relação entre a violência praticada por torcidas, com enfoque em torcidas organizadas, no ambiente de futebol e a psicanálise. É necessário, porém, explicitar na conclusão deste trabalho que são inúmeros os elementos que influenciam comportamentos agressivos e violentos no atual contexto nacional num geral, e no foco deste trabalho, as torcidas organizadas. Variáveis como questões histórico-sociais, étnicas, de gênero e de desigualdade econômica estão diretamente ligadas às questões de violência em solo brasileiro e se relacionam com os temas psicológicos e psicanalíticos abordados. Neste trabalho, buscou-se abordar a relação destas variáveis com o tema, porém o potencial destes tópicos não foi individualmente desenvolvido, já que o foco seria buscar analisar e explicar o fenômeno da violência por torcidas, com enfoque em torcidas organizadas, a partir de um referencial psicanalítico.

Os processos de identificação e psicologia de grupo são condições essenciais e se relacionam quase que de uma forma mutual para que o fenômeno estudado ocorra. O processo de identificação, citado por Freud como a forma mais primitiva de ligação com outra pessoa (1921), se dá por meio de uma busca do sujeito por pertencimento, propósito. No futebol, é encontrado um ambiente intenso, muitas vezes primitivo, onde os sentimentos aflorados podem e devem ser externalizados. É uma atmosfera que aceita e reforça atos que envolvem o torcedor à situação do jogo como gritar, chorar, sorrir, xingar, esbravejar, motivar, delirar, irritar-se, emocionar-se, enfim, se permitir torcer. Levando em consideração a concepção psicanalítica de sujeito e das estruturas e dinâmicas psíquicas que investem toda a energia em busca do prazer, que também pode ser compreendido pela eliminação da angústia, do desconforto, a identificação com o futebol e com as torcidas organizadas, retomando o papel terapêutico de extravasão das emoções, pode ser explicada pela eliminação da angústia que é proporcionada por essa extravasão, uma canalização das pulsões transformadas em angústias e sentimentos.

Ocorrido o processo de identificação, entram em cena os ideais do grupo ao qual o indivíduo se associou e todas as questões a massa e a sensação de pertencimento incitam no sujeito, citado por Freud em “Psicologia de Grupo e Análise do Ego” (1921). Segundo a psicanálise, ao encontrar no grupo efêmero e barulhento um propósito por meio do processo de identificação, o sujeito sofre um rebaixamento do próprio nível de consciência e passa a se comportar pautado nos interesses que favorecem o grupo, independentemente de questões pessoais. É comum, em meio à massa, que o sujeito se comporte de maneira impulsiva e passional, pautado em uma sensação de invencibilidade, sem ponderar seus atos como faria à parte do grupo.

Ou seja, o grupo, tanto por questões culturais do cultivo à violência, ao poder e ao respeito pelo medo no contexto das torcidas organizadas de futebol, quanto por questões psicológicas, fornece as condições necessárias para que atos violentos individuais e grupais sejam executados por seus membros. Atos esses que também são tanto motivados por aspectos sociais, pelo *feedback* da comunidade e o respeito que são agregados quando se é violento neste contexto, quanto por processos psíquicos, as questões de identificação, sublimação e sadismo. A sublimação, primeira proposta considerada de processo psíquico responsável pela violência em torcidas organizadas se demonstrou uma hipótese possível, porém pouco provável para explicar o comportamento. O sadismo, em contraponto, se demonstrou uma hipótese íntegra e coesa, já que apoia a ideia de que o comportamento cruel dos membros de organizada é verdadeiramente um ato que busca contemplar as pulsões sádicas, desejos primitivos de infligir crueldade à alguém. Além do aspecto pulsional, a teoria do comportamento em foco orientado por desejo sádico reforça a ideia de que este é um comportamento que seria censurado pelo superego, já que é considerado inadequado culturalmente. Este fato corrobora com o argumento dos comportamentos incitados pelo grupo, já que o sujeito somente permite-se executar os atos violentos quando em meio a massa, em prol dos interesses grupais. Ambos processos psíquicos ocorrem relacionando-se entre si, e permitem um ao outro acontecer.

Tendo então proposto e apresentado tais hipóteses, é válido concluir o presente trabalho com algumas considerações finais sobre o tema. Apesar de terem sido apresentados inúmeros aspectos negativos sobre as torcidas organizadas, deve-se levar em consideração que a parcialidade aparentemente negativa às torcidas organizadas fora pautada unicamente em questões objetivas. Por se tratar do tema violência/crueldade, a tendência é apresentar aspectos negativos, porém, as torcidas

organizadas também apresentam aspectos positivos. As torcidas organizadas apresentam um papel social fundamental em muitas comunidades. As torcidas assumem a responsabilidade de realizar projetos e trabalhos beneficentes com o objetivo de ajudar, tanto financeiramente como por meio de ações concretas, os territórios nos quais estão situadas e as pessoas em situações de vulnerabilidade. Na pandemia, por exemplo, as torcidas organizadas de São Paulo se mobilizaram em união para promover ações sociais, distribuindo alimentos, itens de higiene e cobertores, as doações chegaram ao número de 50 toneladas de alimentos distribuídos (MASCARI, 2020).

Além de ações beneficentes, as torcidas organizadas brasileiras são organizações engajadas politicamente em mudanças sociais enviesadas por demandas que favoreçam as minorias e lutas de classe. É comum, por exemplo, a criação de pequenos grupos dentro das organizadas que apoiem causas sociais como o orgulho LGBTQIA+, a luta antirracista, lutas antifascistas e direitos para pessoas com deficiência. Recentemente, após o ressurgimento e a popularização de discursos que apoiam a ditadura e opiniões fascistas, era muito comum encontrar grupos ligados à torcidas organizadas em manifestações, protestos e passeatas contrárias ao posicionamento antidemocrático.

Um episódio recente protagonizado pelas torcidas organizadas que demonstra a importância das mesmas é a quebra dos bloqueios que interditavam as estradas e rotas de abastecimento de alimentos e insumos necessários às cidades. Em uma das ocasiões, a Galoucura, organizada do Clube Atlético Mineiro, viajava de Minas Gerais a São Paulo para assistir a partida entre o clube mineiro e o São Paulo, porém, o acesso à cidade estava bloqueado por caminhoneiros que protestavam a favor da intervenção militar. Os membros da organizada proporcionaram, então, o primeiro furo de bloqueio, o que motivou uma maior resistência a estas manifestações antidemocráticas (ARAÚJO; MARTINS; SALDANHA, 2022).

Por fim, novamente, vale ressaltar que este trabalho buscou abordar os fenômenos a partir de um referencial psicológico psicanalítico, mas não descarta as outras variáveis que interferem diretamente na violência, partindo de torcida ou não. É deixado como sugestão então, para futuros trabalhos que abordem o tema, aprofundar-se mais em assuntos sociais delicados como questões socioeconômicas, de desigualdade social, do racismo, dos desdobramentos da segregação política e

das *fake news* no Brasil, e de questões de gênero no contexto das torcidas organizadas e da violência desempenhada pelas mesmas.

6. REFERÊNCIAS

ACCESSIBLE, G.I., 2008. International Dictionary of Psychoanalysis.

AGÊNCIA ESTADO - Esportes. Futebol brasileiro tem um episódio de violência a cada quatro dias. Portal R7, 2022. Disponível em: <<https://esportes.r7.com/futebol/futebol-brasileiro-tem-um-episodio-de-violencia-a-cada-quatro-dias-08032022>>. Acessado em 01 de dez. de 2022.

ALVES, N. G.; GARCIA, R. L. Futebol: paixão e política. In: CARRANO, P. C. (Org.). Bate-bola inicial. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p. 7 -10.

APÓS briga, Leco admite financiamento a organizadas e medo de jogadores. Gazeta Esportiva, 2016. Disponível em: <<https://www.gazetaesportiva.com/times/sao-paulo/apos-briga-leco-admite-financiamento-a-organizadas-e-medo-de-jogadores/>>. Acesso em 24 de nov. de 2022.

ARAÚJO, A.; MARTINS, V.; SALDANHA, M. Torcidas organizadas se unem para furar bloqueio bolsonarista nas estradas. UOL, 2022. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2022/11/01/orientacao-para-furar-bloqueio-foi-passada-para-organizadas-que-vaio-viajar.htm>>. Acesso em 03 de jun. de 2023.

BANDEIRA, V. F.; RAMOS, D.G. 2020. Aspectos sociodemográficos relacionados à agressividade e ao fanatismo em uma torcida de futebol. Psicologia Revista. 29, 1 (out. 2020), 246–272. DOI:<https://doi.org/10.23925/2594-3871.2020v29i1p246-272>.

BARBOSA, H. Carnaval ou futebol? Entenda relação entre as escolas de samba e torcidas organizadas. Terra, 2023. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/diversao/carnaval/2023/carnaval-ou-futebol-entenda-relacao-entre-as-escolas-de-samba-e-torcidas-organizadas,9b7ff095cf78ee628f5cc3daf0e200e930rgxk6g.html>>. Acessado em 16 de mai. de 2023.

BRAGA, T. Em 1995, decisão na base entre Palmeiras x SP terminou em morte no Pacaembu. UOL Esporte, 2022. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2022/01/22/em-1995-decisao-na-base-entre-palmeiras-x-sp-terminou-em-morte-no-pacaembu.htm>>. Acesso em: 01 de dez. de 2022.

CALDAS, W. O futebol no país do futebol. Lua Nova: Revista de Cultura e Política [online]. 1986, v. 3, n. 2, pp. 24-30. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-64451986000300005>>. Epub 16 Mar 2011. ISSN 1807-0175. <https://doi.org/10.1590/S0102-64451986000300005>.

CARNEIRO, H. F.; SANTOS, M. B. A lei e a anomia nas torcidas organizadas de futebol. Arquivos brasileiros de Psicologia, v. 60, n. 3, 2008. Disponível em: <<http://seer.psicologia.ufrj.br/index.php/abp/index>>

CARNEIRO, H. F.; SANTOS, M. B. Narrativas sobre Violência nas Torcidas Organizadas de Futebol: uma Escuta a Torcedores a partir de uma Abordagem Psicanalítica. In: XV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social, 2010, Maceió. XV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social, 2010.

CARNEIRO, H. F.; SANTOS, M. B. O sujeito entre a lei e a violência: uma reflexão psicanalítica sobre as torcidas organizadas no futebol. In: III Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e do IX Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental, 2008, Niterói. Pathos: violência e poder, 2008.

CASSANTE, G. O histórico da violência nos eventos esportivos. Jusbrasil, 2015. Disponível em: <<https://guisambareando.jusbrasil.com.br/artigos/254216002/o-historico-da-violencia-nos-eventos-esportivos>>. Acesso em: 01 de dez. de 2022.

CASSANTE, G. O surgimento das torcidas organizadas no Brasil. Jusbrasil, 2015. Disponível em: <[https://guisambareando.jusbrasil.com.br/artigos/254214897/o-surgimento-das-torcidas-organizadas-no-brasil#:~:text=Elas%20surgem%20em%20um%20momento,incentivarem%20seus%](https://guisambareando.jusbrasil.com.br/artigos/254214897/o-surgimento-das-torcidas-organizadas-no-brasil#:~:text=Elas%20surgem%20em%20um%20momento,incentivarem%20seus%20)>

20clubes%20na%20arquibancada>. Acesso em: 24 de nov. de 2022.

CASSUCCI, B. & FERNANDEZ, M. Corinthians será denunciado no STJD por gritos homofóbicos em clássico contra o São Paulo. Globo Esporte, 2023. Disponível em: <<https://ge.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/2023/05/15/corinthians-sera-denunciado-no-stjd-por-gritos-homofobicos-em-classico-contra-o-sao-paulo.ghtml>>. Acesso em: 15 de mai. de 2023.

CASTRO, C. M.; CADETE, M. M. M. (2019): “Da origem e história do futebol no Brasil ao futebol amador em comunidade de vulnerabilidade social: uma incursão na literatura”, Revista Caribeña de Ciencias Sociales (abril 2019). En línea: <https://www.eumed.net/rev/caribe/2019/04/origem-futebol-brasil.html/hdl.handle.net/20.500.11763/caribe1904origem-futebol-brasil>

CASTRO, E. B. B. A. Violência no futebol: fatores psicológicos, sociais e culturais. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

CINTRA, E. M. U. ; NETO, A. N. Paradoxo, noite e mistério: os labirintos da pesquisa psicanalítica. In: KAHHALE, E. M. S. P.; KUBLIKOWSKI, I.; TOSTA, R. M. Pesquisas em psicologia clínica: contexto e desafios. São Paulo: EDUC, 2019.

CLUBE DA LUTA. Direção de David Fincher. Estados Unidos: Fox 2000 Pictures e Regency Interprises, 1999. 139 min, DVD.

CORINTHIANS tem mais torcedores que Palmeiras e SPFC somados, diz pesquisa. UOL, 2023. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2023/04/10/corinthians-tem-mais-torcedores-que-palmeiras-e-spfc-somados-diz-pesquisa.htm>>. Acesso em: 9 de mai. de 2023.

COSTA, A. L. (1995). A organização cordial: ensaio de cultura organizacional do Grêmio Gaviões da Fiel. Revista de Administração de Empresas, 35, 40-54.

DYAL, M. Hated and Proud: Ultras Contra Modernity. Nova Iorque: Arktos Media Ltd., 2018.

ERA Abel Ferreira pode fazer os maiores campeões da história do Palmeiras. Globo Esporte, 2023. Disponível em: <<https://ge.globo.com/futebol/times/palmeiras/noticia/2023/04/11/era-abel-ferreira-pode-fazer-os-maiores-campeoes-da-historia-do-palmeiras-veja-ranking.ghtml>>. Acesso em: 5 de mai. de 2023.

FERRARI, I.F. Agressividade e Violência. *Psic Clin* 2006; 18(2):49-62.

FERREIRA, D. As fases do desenvolvimento psicosexual humano. PET docs, 2014. Disponível em: <[http://petdocs.ufc.br/index_artigo_id_398_desc_Psicologia%20M%C3%A9dica_pagina__subtopico_50_busca_#:~:text=V%2D%20A%20fase%20genital%20\(puberdade,com%20seu%20instinto%20de%20procriar.>](http://petdocs.ufc.br/index_artigo_id_398_desc_Psicologia%20M%C3%A9dica_pagina__subtopico_50_busca_#:~:text=V%2D%20A%20fase%20genital%20(puberdade,com%20seu%20instinto%20de%20procriar.>)>. Acesso em: 01 de jun. de 2023.

FOSTER, G.; CLEMENTE, G. Torcedor que invadiu campo com filha no colo no RS é indiciado por lesão corporal sofrida pela criança. G1 Rio Grande do Sul, 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2023/03/31/torcedor-que-invadiu-campo-com-filha-no-colo-no-rs-e-indiciado-por-lesao-corporal-sofrida-pela-crianca.ghtml>>. Acesso em: 31 de mai. de 2023.

FREUD, S. (1887-1904/1986). A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887/1904 (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. Em Ed. Standard das Obras Completas de Sigmund Freud (J. Salomão, Trad, Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S. (1915/2004). Pulsões e destinos da pulsão. In: Escritos sobre a psicologia do inconsciente, v. I. Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S. (1921). Psicologia de Grupo e Análise do Ego. Rio de Janeiro: Imago,

1980. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud).

FREUD, S. (2012) Obras completas, São Paulo: Companhia das Letras. (1912-13) "Totem e tabu", v.11, p.14-244.

GREGÓRIO, G. S.; CELES, L. A. M. Por que brigar? Uma perspectiva psicanalítica a respeito dos hooligans. Em: Terezinha de Camargo Viana. (Org.). Sobre Psicanálise, subjetivação, arte e cultura. Lisboa: Placebo, 2011, v., p. 181-194.

HOOLIGANS. Direção: Lexi Alexander. Produção de Odd Lot Entertainment e Baker Street. Estados Unidos: California Filmes, 2005. 1 DVD.

JÚNIOR, M. Kevin Espada - Que fim levou?. 3º Tempo UOL, 2013. Disponível em: <<https://www.google.com/url?q=https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/kevin-espada-5796&sa=D&source=docs&ust=1685211704685207&usg=AOvVaw1VqG5ejhutasuMZndS0CHB>>. Acesso em 27 de mai. de 2023.

LAPELOSO, M. Qual o significado de Mimimi?. Dicionário Popular, 2020. Disponível em: <<https://www.dicionariopopular.com/significado-mimimi/>>. Acesso em 29 de mai. de 2023.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J. B. (2004). Vocabulário da psicanálise (4ª ed.). São Paulo: Livraria Martin Fontes Editora

LATIF, F; WILKSON, A. Briga de torcida: Máfia Azul do Cruzeiro agride presidente da Mancha Verde. UOL Esporte, 2022. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2022/09/28/organizadas-de-cruzeiro-e-palmeiras-entram-em-conflito-na-fernao-dias.htm>>. Acesso em: 03 de jun. de 2023.

LE BON, G. Psicologia das massas. Niterói: Teodoro, 2013. (Original publicado em 1895).

MASCARI, F. Torcidas organizadas promovem ações sociais durante a pandemia. Rede Brasil Atual, 2020. Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/torcidas-organizadas-doacoes/>>. Acesso em: 03 de jun. de 2023.

PELEJA. This is why a derby day in São Paulo is so dangerous. Youtube, 29 de abr. de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FmqD8BhUess&t=775s>. Acesso em 10 de mai. de 2023.

PAULO Serdan, ex-presidente da Mancha: "É normal, faz parte da guerra"; veja. O Tempo Sports, 2022. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/sports/cruzeiro/paulo-serdan-ex-presidente-da-mancha-e-normal-faz-parte-da-guerra-veja-1.2741136>>. Acesso em 03 de jun. de 2023.

PEREIRA, F. Hooligans. Papo de Cinema, 2016. Disponível em: <<https://www.papodecinema.com.br/filmes/hooligans/>>. Acesso em: 09 de mai. de 2023.

PINTO, V. T. Contramodernidade Ultra e Conflito no Futebol Contemporâneo. Antropolítica-Revista Contemporânea de Antropologia, 2021.

REIS, H. B. Futebol e violência. Campinas, São Paulo: Fapesp, 2006.

ROCHA, M. Carnaval 2023: Rouanet liberou R\$ 32,4 mi para escolas. Folha UOL, 2023. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2023/02/saiba-quanto-as-escolas-de-samba-podem-captar-via-lei-rouanet-neste-carnaval.shtml>>. Acessado em 16 de mai. de 2023.

SANTOS, F. Centro de Referência do Futebol Brasileiro - Charles Miller. Museu do Futebol, São Paulo, 8 de nov. de 2011. Disponível em: <<https://museudofutebol.org.br/crfb/personalidades/480271/#:~:text=Quando%20votou%20ao%20Brasil%20e,camisas%20de%20times%20que%20defendera.>>. Acesso em: 27 de abr. de 2023.

SANTOS, R. O lado negro de La Bombonera. Yahoo Esportes, 2012. Disponível em: <<https://esportes.yahoo.com/blogs/futebol-cinco-estrelas/o-lado-negro-la-bombonera-223640288.html?guccounter=1>>. Acesso em 30 de nov. de 2022.

SOARES, A. J. (2003). Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre. *Futbologías. Fútbol, identidad y violencia en América Latina*. Buenos Aires: Clacso, 145-162.

SOBRE MENINOS E PORCOS: #1 Respeito é pra quem tem. [Locução de]: Adriano Wilkson e Daniel Lisboa. São Paulo: UOL Esporte, 24 nov. 2021. Podcast. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4cX0GKKLHQ4>. Acesso em: 4 out. 2022.

TEIXEIRA, R. Torcidas jovens cariocas: símbolos e ritualização. *Esporte e sociedade*, v. 2, p. 1-26, 2006.

TORCIDA única em SP: Quando começou, o que a motivou e qual sua verdadeira eficácia?. UOL Esporte, 2022. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/enm/2022/01/23/torcida-unica-em-sp-quando-comecou-o-que-a-motivou-e-qual-sua-verdadeira-eficacia.htm>>.

Acessado em 1 de dez. de 2022

TORTELLA, T. Casos de violência marcaram o futebol nas últimas semanas; relembre. CNN Brasil, 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/esporte/casos-de-violencia-marcaram-o-futebol-nas-ultimas-semanas-relembre/>>. Acesso em: 07 de mar. de 2022.

VAINFAS, R. (1999). Colonização, miscigenação e questão racial: notas sobre equívocos e tabus da historiografia brasileira. *Revista Tempo*, 8(3), 1-12.

VIEIRA, T. F. Psicologia das Massas e análise do Eu. Youtube, 16 de out. de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tTd8N5VcgyE>. Acesso em 25 de mar. de 2023.

VILELA, G. MANCHADOS DE VERDE. YouTube, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XbXMbRJbEkU>. Acesso em 16 de jan. de 2023.

VILHENA, J. (2002). A Arquitetura da violência: reflexões acerca da violência e do poder na cultura. *Cadernos de Psicanálise*, 18 (21).

VIOLÊNCIA no futebol já provocou 155 mortes no Brasil desde 1988, diz jornal. UOL, 2012. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2012/04/03/violencia-no-futebol-ja-provocou-155-mortes-no-brasil-desde-1988-diz-jornal.htm>. Acesso em: 11 de mai. de 2023.

WACHELKE, J. F. R., ANDRADE, A. L. de, TAVARES, L. & NEVES, J. Mensuração da identificação com times de futebol: evidências de validade fatorial e consistência interna de duas escalas. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 60(1), 96–1, 2008.

WANN, D. L., SHELTON, S., SMITH, T., & WALKER, R.. Relationship between team identification and trait aggression: a replication. *Perceptual and Motor Skills*, 94(2), 595–5, 2002.